PARA REFLETIR

A seguir, recorte do texto de mesmo nome. Esperamos que estimule a leitura do original (ver www.novamerica.org.br/medh). Com ele, Vera e os vários autores por ela referidos no texto completo nos ajudam a compreender a complexa relação entre igualdade e diferença.

AS DIFERENÇAS FAZEM DIFERENÇA?
COTIDIANO ESCOLAR, INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Vera Maria Candau - PUC-Rio/2010

Diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência - física, simbólica, o *bullying* -, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas com deficiência, entre outras, estão presentes na nossa sociedade, assim como nas nossas escolas. A consciência desta realidade é cada vez mais forte entre educadores e educadoras. Como afirmou um professor numa das pesquisas que realizamos recentemente, as diferenças estão bombando na escola .

Por outro lado, inúmeros têm sido os estudos e pesquisas que identificam, descrevem e denunciam situações em que alunos/as com determinadas marcas identitárias são negados/as, objeto de discriminações e excluídos no cotidiano escolar.

Portanto, se quisermos potencializar os processos de aprendizagem escolar, na perspectiva da garantia do direito à educação, teremos de afirmar a urgência de se trabalhar as questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares. Esta preocupação não é algo secundário ou que se justapõe às finalidades básicas da escola, mas é inerente a elas.

Nos trabalhos de pesquisa que tenho desenvolvido[1], a relação entre igualdade e diferença tem sido foco central. Neles observa-se a polissemia dos termos igualdade e diferença, detectada através de entrevistas individuais, grupos focais, observações...

No contexto das pesquisas realizadas, predominava a concepção de **igualdade** como processo de uniformização, padronização, orientado à afirmação de uma cultura comum a que todos/as têm direito a ter acesso. Desde o uniforme até os processos de avaliação, tudo parece contribuir para construir algo que seja igual , isto é, o mesmo para todos/as os/as alunos/alunas. Nesta perspectiva, as diferenças são invisibilizadas, negadas e silenciadas, apresentando os processos pedagógicos um caráter monocultural.

A **diferença** é frequentemente associada à deficiência, ao déficit cultural e à desigualdade. Diferentes são os/as que apresentam baixo rendimento, são oriundos de comunidades de risco, de famílias com condições de vida de grande vulnerabilidade, cujos comportamentos apresentam níveis diversos de violência e incivilidade, os/as que possuem características identitárias associadas à anormalidade e/ou a um baixo capital cultural. Enfim, os diferentes são um problema que a escola tem de enfrentar. Somente em poucos depoimentos, a diferença é articulada a identidades plurais que enriquecem os processos pedagógicos e devem ser reconhecidas e valorizadas.

Igualdade e diferença constituem, assim, universos que se contrapõem, explícita ou implicitamente. No entanto, hoje não é possível trabalhar questões relacionadas à igualdade sem incluir a questão da diferença, nem se pode abordar a questão da diferença dissociada da afirmação da igualdade. De fato, a igualdade não está oposta à diferença e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade e sim à padronização, à homogeneização, à uniformização.

É imperativo desconstruir a padronização e ao mesmo tempo lutar contra todas as formas de desigualdade presentes na sociedade e na escola. Assim, a igualdade a ser construída assume o reconhecimento de direitos básicos de todos/as. Mas, esses todos/as têm de ter as suas diferenças reconhecidas como elemento de construção da igualdade.

As manifestações de preconceito, discriminação e violência se multiplicam em muitas escolas e desafiam as práticas habituais do cotidiano escolar. Educadores/as ficamos perplexos/as e muitas vezes nos sentimos impotentes. Iniciativas são tomadas, mas de caráter pontual, dirigidas a grupos determinados, em momentos específicos do ano escolar.

Todavia, se queremos trabalhar em profundidade esta problemática, temos que afetar e reconstruir a lógica que configura a cultura escolar. Trata-se de promover uma educação em direitos humanos na perspectiva intercultural crítica[2] que afete todos os atores e dimensões do processo educativo, incluindo a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

O desafio é promover processos de desconstrução e desnaturalização de preconceitos e discriminações que impregnam, muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil, as relações sociais e educacionais. Também é fundamental desvelar e questionar os sentidos de igualdade e diferença que permeiam os discursos educativos.

Outro aspecto imprescindível é problematizar o caráter monocultural que, explícita ou implicitamente, está presente na escola e impregna os currículos escolares. Estamos desafiados a reconhecer e valorizar as diferenças culturais, os diversos saberes e práticas, e a afirmar sua relação com o direito à educação de todos/as.

Outro aspecto também fundamental é o resgate dos processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como coletivo. É importante que se opere com um conceito dinâmico e histórico de cultura, capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando-se uma visão das culturas como universos fechados.

Finalmente, temos o desafio de promover experiências de interação sistemática com os outros , para sermos capazes de relativizar nossa própria maneira de situar-nos diante do mundo e atribuir-lhe sentido, ou seja, uma intensa interação com diferentes modos de viver e se expressar. Não se trata de momentos pontuais, mas da capacidade de desenvolver projetos que suponham uma dinâmica sistemática de diálogo e construção conjunta entre diferentes pessoas e grupos de diversas procedências sociais, étnicas, religiosas, culturais etc. Também estamos chamados/as a favorecer processos de empoderamento", tendo como ponto de partida liberar a possibilidade, o poder, a potência que cada pessoa, cada aluno/a tem, para que possa ser sujeito de sua vida e ator social. O empoderamento tem também uma dimensão coletiva, apoia grupos sociais minoritários, discriminados etc. As ações afirmativas são estratégias que se situam nesta perspectiva. Visam melhores condições de vida para os grupos marginalizados, a superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e religiosa, assim como das desigualdades sociais.

Trata-se de uma tarefa de longo prazo, mas, ao mesmo tempo, podemos colocá-la em prática hoje, no nosso contexto educacional específico.

[1] Referência ao GECEC - Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s), vinculado ao Departamento de Educação da PUC-Rio.

[2] A interculturalidade crítica questiona as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, etnicorraciais, de gênero, orientação sexual, entre outros e aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de estabelecer relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados.

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania
ISSN 1519-9827 NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160
Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
http://www.novamerica.org.br

Editora ..... Susana Sacavino
Texto Final ..... Iliana Aida Paulo
Supervisão Editorial ..... Adelia Maria Koff
Composição Gráfica ..... Compañia Visual Manteca
Equipe Responsável ..... Vera Maria Candau
Sílvia Maria F. Pedreira
Marilena Varejão Guersola

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

Ano XI | Nº 113 | Mai/Jun 2011

DATAS SIGNIFICATIVAS

MAIO

01 Dia Mundial do/a Trabalhador/a
13 Dia de Luta contra a Discriminação Racial
18 Dia dos Povos Indígenas da América
25 Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher
29 Dia Internacional dos Construtores de Paz das Nações Unidas

JUNHO

04 Dia Internacional das Crianças Vítimas de Violência
05 Dia Internacional do Meio Ambiente e Universal da Ecologia
12 Dia Mundial da Luta contra o Trabalho Infantil
25 Dia Internacional contra as Drogas

Maio (29) e junho (04) também se solidarizam com os/as alunos/as da EM Tasso da Silveira, seus/suas professores/as, suas famílias, e seus amigos/as. Com toda a gente de Realengo.

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

APRESENTAÇÃO

A equipe do DDHH na sala de aula, em edição sucessiva, transpira tristeza. Desta vez, em razão do episódio da EM Tasso da Silveira que ceifou vidas, surpreendeu e feriu, de múltiplas formas, colegas, alunos/as, familiares, amigos/as e a comunidade local. A cada um/a nossa solidariedade. A tod@s nós - amantes da paz e da justiça, que por elas lutamos incansavelmente - coragem, força e esperança (que, faz tempo, assumimos como verbo).

Sala de aula em movimento, comprometida com o momento presente, sugere atividades voltadas para a construção da paz, ao lado das relativas ao respeito e à valorização das diferenças, profundamente essenciais para uma paz verdadeira e duradoura.

O calendário faz coro com o anseio por paz e respeito às nossas marcas identitárias.

Vera Candau aponta, em "Para refletir", trilhas-desafios para a articulação entre igualdade e diferença e, com o foco na justiça social, a superação das desigualdades. Fazem o mesmo as/os autoras/es do livro sugerido em "Enriquecendo a ação".

"Notícias" faz silêncio! À espera ativa de melhores dias.

Adélia Maria Koff, como nós, acredita em melhores dias e acarinha a escola como palco dessa busca que reconhece cotidiana.

A nós se unem Jorges (o Vercilo e o Aragão):

"Nada vai nos separar daquilo pelo qual lutamos nessa vida"

"Nada vai nos separar da paz que todos nós sonhamos tanto tempo".

Nada!

Este canto de fé na vida é especialmente p'ra vocês da Tasso da Silveira.

A equipe

PARTICIPE

O calendário registra **MEDH**, no primeiro sábado de julho. Educadoras e educadores integrantes do Movimento de Educadores/as em DDHH estarão mais uma vez reunidos para refletir, trocar experiências, celebrar. Participe. Seu lugar está reservado no Colégio Teresiano, a partir das 8 horas, no dia 2 de julho.

Ser escola hoje é buscar, com frequência, superar as suas dificuldades cotidianas e apostar nas suas possibilidades de transformação. Estou me referindo à possibilidade de acreditar e participar da construção de uma sociedade mais fraterna, com vida mais digna para todas as pessoas.
Adélia Maria Koff

NOVAMERICA